

Percepção e motricidade

Iraquitã de Oliveira Caminha – UFPB

RESUMO

Se a experiência de perceber é pôr-se a ver aquilo que se põe a aparecer, ela tem fundamentalmente implicações motrizes. A percepção comporta, por essência, uma ligação interna com o movimento de ir em direção ao que aparece. A esse respeito, nós evocamos o problema da motricidade para compreender os movimentos de perceber, realizados pelo corpo que percebe pondo-se a ver o mundo. Nós esperamos aqui visar à essência mesma da experiência perceptiva, sublinhando relações entre o ato de perceber e os movimentos corporais, já que perceber é, antes de tudo, pôr-se em relação. É por esse motivo que, para Merleau-Ponty, toda percepção é, por princípio, movimento. Palavras-chave: Corpo. Percepção. Motricidade.

RÉSUMÉ

Si l'expérience de percevoir est se mettre à voir ce qui se met à apparaître, elle a fondamentalement des implications motrices. La perception comporte, par essence, un lien interne avec le mouvement d'aller vers ce qui apparaît. A cet égard, nous évoquons le phénomène de la motricité pour comprendre les mouvements de percevoir, réalisés par le corps percevant qui se met à voir le monde. Nous espérons ici viser l'essence même de l'expérience perceptive en soulignant des relations entre l'acte de percevoir et les mouvements corporels, puisque percevoir est, avant tout, se mettre en relation. C'est pour cette raison que, pour Merleau-Ponty, toute perception est, par principe, mouvement. Mots-clés: Corps. Perception. Motricité.

AS IMPLICAÇÕES MOTRIZES DA EXPERIÊNCIA DE PERCEBER

Merleau-Ponty compartilha com Bergson (1968, p. 14) a idéia de que o corpo é um “centro de ação” que se orienta em direção ao mundo. Isso significa que a percepção deve ser apreendida do ponto de vista da vida, quer dizer, do movimento, que, no plano vital de nossa condição de ser-no-mundo, revela nossa experiência de perceber enquanto movimentos de se dirigir em direção à existência. Porém, o sentido de ser-no-mundo não é considerado, por Merleau-Ponty (1992b, p. 93), na perspectiva da “atenção

à vida”, que nos faz passar da realidade à percepção por via de seleção afetiva, segundo Bergson. Esse sentido não é também como uma “função do real” que nos permite ter contatos com os acontecimentos exteriores do mundo em que, segundo a psicologia de Janet, estamos instalados enquanto sujeitos que percebem. Merleau-Ponty sempre tenta evitar que nosso vínculo vital com o mundo, através de nossa condição existencial de ser-no-mundo, seja posto no terreno objetivo, onde a experiência perceptiva está reduzida a um conjunto de reações em função das necessidades vitais.

É verdade que Merleau-Ponty concorda com Bergson quando ele sublinha que existe uma unidade da percepção e da ação através de um processo senso-motor. Bergson “visa restaurar o corpo no seu debate com o mundo” (MERLEAU-PONTY, 1978, p. 79). Isso quer dizer que ele procura integrar a consciência perceptiva ao mundo. Mas essa integração não toma o sentido de um engajamento radical porque os movimentos do corpo, em última análise, não são apenas deslocamentos no espaço objetivo. É verdade também que Merleau-Ponty concorda com Janet, quando ele associa o ato de perceber às variações de nossa condição existencial de ser-no-mundo enquanto unidade orgânica. Mas essa condição não põe o sujeito que percebe como aquele que realiza o ato de perceber através de seu modo próprio de existir; ao contrário, de certa maneira, ela fica presa a uma mecânica de ações funcionais pelas quais, empiricamente, nossa existência, enquanto sujeito, é uma simples derivação de reações psicológicas vividas na terceira pessoa. Para nós, Merleau-Ponty não contesta o esforço dessas duas teorias para superar a idéia de que há uma realidade em si distinta da percepção, mas recusa a atitude arbitrária que considera que o ser é o ser percebido sem se perguntar como isso é possível, enquanto manifestação fenomenal que aparece dinamicamente ao nosso olhar.

Sem dúvida, o mundo percebido ou aquilo que nós vemos como o surgimento dinâmico do aparecer pede uma intervenção motriz de nosso corpo, que exerce uma função prática a partir dos movimentos endereçados às coisas para realizar a experiência perceptiva. Entretanto, para Merleau-Ponty, o mundo não é, como o sustenta Bergson, um “conjunto de imagens” que se unem para formar o que é a realidade para o sujeito que percebe. O mundo não é também, como para Janet (1928), uma série de manifestações exteriores que acionam uma função do real para precisar, por exemplo, a natureza da emoção a partir da determinação dessas manifestações que vão afetar a dimensão psíquica de um sujeito que, segundo Sartre (1965), seria apenas um conjunto de condutas. A percepção chega sempre ao mundo que nos aparece como realidade primordial. Nesse sentido, “a percepção, sem que nós saibamos primeiramente como uma tal coisa é possível, é necessariamente ‘abertura’: ela nos relaciona diretamente com jazidas óticas” (CHAMBON, 1974, p. 21). Para a experiência de perceber, o mundo é, portanto, a existência de várias configurações, que se formam através das manifestações dos seres percebidos no horizonte dinâmico de nosso campo perceptivo.

A experiência de perceber exige a presença concreta ou fenomenal de algo percebido sensivelmente. Ela distingue-se, assim, do pensamento em um sentido estrito, devido ao seu caráter sensível, que nos remete sempre ao aparecer do fenômeno percebido enquanto ser que se fenomenaliza para nós (BARBARAS, 1994). Perceber é viver a presença permanente do mundo que nos é dado originariamente pela sensibilidade, e não, uma simples atividade judicativa. Pelo fato de que a experiência de perceber se abre espontaneamente ao ser, enquanto manifestação fenomenal, ela não pode ser tratada como um sentimento que é apenas um estado afetivo (BARBARAS, 1994). Para dizer a verdade, de um lado, nós sentimos a emoção ou a paixão e, de outro, percebemos a presença de uma casa ou de uma flor em nosso campo perceptivo. A percepção distingue-se também da imaginação e da memória, pois aquilo que nós percebemos, diretamente, como a existência das coisas na espessura do mundo percebido, não é nem imagens nem recordações, muito pelo contrário, é o ser do fenômeno (BARBARAS, 1994).

É no plano da presença do ser percebido para aquele que percebe que nós colocamos nossa pesquisa sobre a percepção. Percebemos cores, unidades percebidas próprias da natureza, como uma árvore, ou de unidades culturais, como um carro, figuras geométricas, como um cubo, e outras formas percebidas. Entretanto, todos esses exemplos não são utilizados para examinar os diferentes tipos de experiência perceptiva, mas, fundamentalmente, para mostrar como as formas percebidas nos estão presentes como variações das manifestações fenomenais de um mundo que aparece. Desde então, é a experiência doador do aparecer do fenômeno perceptivo que se questiona aqui. O que nos interessa é a configuração dinâmica das formas percebidas a partir do ato de perceber, realizada pela relação de nosso corpo com o mundo.

A percepção é inteiramente tributária dos movimentos de nosso corpo. Dessa maneira, Merleau-Ponty consolida sua concepção da subjetividade presente em um mundo em direção ao qual ela nunca cessa de ir. A esse título, “a subjetividade não tem, primeiramente, a função de constituir objetos, mas a de responder a acontecimentos” (BONFAND, 1995, p. 9). Evidentemente, nós continuamos insistindo sobre o fato de que esses acontecimentos não são considerados como objetos, cuja positividade já é substancialmente distinta dos movimentos do corpo que se põe a ver. O sujeito que percebe não tem primeiramente uma origem “mundana” que, somente em um segundo momento, realizar-se-ia como um movimento em direção ao mundo (CHAMBON, 1974). Aquele que percebe expressa, desde sua origem, uma relação com o mundo, com base no poder cinético de seu corpo, que não é ele mesmo um ser positivo, mas uma vida, que se abre dinamicamente a seu ambiente.

Nesse sentido, quando nós vemos que uma esfera vermelha sobre um fundo preto não aparece da mesma forma sobre um fundo branco, é preciso que os movimentos de nosso olhar transitem sobre a figura e sobre o fundo para comparar as diferentes texturas coloridas e atestar, assim, esses dois modos

de aparecer da cor vermelha sobre fundos diferentes. A experiência de identificar se uma superfície é lisa ou rugosa exige que os movimentos de nossa mão ou simplesmente de um dedo determinado de nossa mão deslizem sobre essa superfície para poder definir o caráter liso ou rugoso do dado tátil considerado. O ato de ver, com nitidez, um rosto determinado em um quadro, requer que a capacidade motriz de nosso corpo mantenha uma distância, nem curta, nem longa demais, para poder reconhecer esse rosto. A experiência de perceber a dureza ou a maciez exige os movimentos de pressão de nossos dedos. A percepção provém, então, da maneira de ir ao encontro do mundo através dos movimentos de nosso corpo. Não pode se efetuar sem os movimentos de nosso corpo que exploram e dão sentido ao que significam esquerda e direita, adiante e atrás, em cima e em baixo. Com efeito, “a coisa está no fim de meu olhar e em geral de minha exploração” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 21). Essa exploração é determinada pelo poder de mobilidade de nosso corpo, que vive a experiência de se dirigir para as coisas já estando no mundo. Segundo Merleau-Ponty (1996, p. 173), “ver e mover-se são duas faces do mesmo fenômeno: meu corpo consta do mundo visível e este está incluído no ‘alcance’ do meu corpo”.

Sem dúvida, os movimentos de nosso corpo não são considerados como um conjunto de ações vitais determinadas por imperativos exclusivamente biológicos sem a intervenção de atitudes intencionais. As ações do corpo que percebe não são mecânicas, quer dizer, desprovidas de intencionalidade. Aquilo que nós percebemos se apresenta a nós como pólos de ações, que nos mobilizam para assumir o mundo em que estamos inscritos. Para poder ser na coisa, o sujeito que percebe se move no mundo como um móbil que executa movimentos para encontrar várias maneiras de se referir a algo. Em resumo, “mover seu corpo não é, portanto, transportar uma massa, mas visar às coisas” (DE WAELEHENS, 1978, p. 139). Aquele que percebe enquanto sujeito motor se dirige em direção ao mundo a partir do modo de ser de seu corpo. Isso significa que o corpo do sujeito que percebe deve ser concebido como ato motor pelo qual a dimensão sensitiva não é dissociada da função motriz.

O movimento de aparecimento do percebido não está separado da motricidade do sujeito que percebe, o qual, de maneira intencional, procura ver algo, projetando-se no mundo. O corpo é o sujeito da atividade que reconhece as formas percebidas que nos aparecem como manifestação fenomenal do mundo. Assim, “o corpo não é somente o instrumento de minha conduta, muito pelo contrário, [ele é] parte integrante e indispensável desta última” (FERRIER, 1957, p. 109). As ações de nosso corpo não são, de maneira restrita, simples adaptações que se ajustam ao meio. A motricidade do sujeito que percebe não se reduz a uma inserção no mundo sem o apoio de algum solo mundano porque ela nunca está separada desse mundo em direção ao qual se dirige. Evidentemente, Merleau-Ponty não pensa que a vida perceptiva se oculta ela mesma enquanto vida subjetiva. Entretanto, essa subjetividade não pode ser confundida com uma consciência que, permanecendo transparente para si mesma, determina as

essências das coisas sem se dar conta de que a experiência de perceber coexiste com o mundo como meio de toda vida perceptiva. Em outros termos, para aquele que percebe, a presença dos entes percebidos já significa a presença de seus sentidos.

O corpo que percebe faz do mundo um “meio de comportamentos” em que aquilo que aparece se faz presente em um campo que é, ao mesmo tempo, perceptivo e motor (MERLEAU-PONTY, 1992b, p. 130). Aqui, nós podemos dizer claramente que o método, proposto por Merleau-Ponty, para descrever a experiência perceptiva, visa ao processo de instauração dessa experiência de perceber. Nesse sentido, os movimentos utilizados para fazer sinal para um amigo não são derivados de uma intenção separada do próprio corpo que os realiza (MERLEAU-PONTY, 1992b). O sinal executado pelo corpo se faz através do mundo, já que aquele sinal se faz lá, onde está a pessoa que nós encontramos. Nessa perspectiva, a distância que separa os dois corpos, um possível consentimento ou uma recusa de aproximar-se, lê-se no gesto. Para Merleau-Ponty (1992b, p. 129), “não há uma percepção seguida por um movimento, a percepção e o movimento formam um sistema que se modifica como um todo”. Nesse caso, o ato de perceber e o de mover-se não são dois atos distintos na medida em que não há percepção sem ações corporais (MERLEAU-PONTY, 1995). “É enquanto sujeito capaz de movimento que o sujeito que percebe poderá ser apreendido em seu ser verdadeiro” (BARBARAS, 1999, p. 108). Ora, aqui, a consciência perceptiva pode visar à presença, em pessoa, de um objeto apenas porque ela é, logo de início, capaz de dirigir-se em direção a algo. “Sem a exploração de meu olhar ou de minha mão e antes que meu corpo se sincronize a ele, o sensível é apenas uma solicitação vaga” (MERLEAU-PONTY, 1992b, p. 246).

A intencionalidade do sujeito que percebe pondo-se a ver o mundo, através de sua motricidade, é originariamente um “eu posso”, e não um “eu penso” (MERLEAU-PONTY, 1992b, p. 160). A intenção operada nos movimentos de perceber não é um pensamento que nós preparamos em nós mesmos, e cujos sinais não vemos em nosso corpo. O movimento é a identidade do ser e do aparecer no sentido em que a sensação do movimento se confunde com sua realização (BARBARAS, 1999). A motricidade, enquanto intencionalidade originária, não é um puro ato de significação ou uma pura função de representação que se opõe totalmente ao modo de ser das coisas como se, na experiência de perceber, os dados sensíveis e a significação fossem separados. Ela é fundamentalmente o “movimento de existência” que nos coloca no ser pelo qual sensibilidade e significação são inelutavelmente ligadas (MERLEAU-PONTY, 1992b, p. 160). Portanto, o sujeito do movimento existe apenas enquanto sujeito no próprio movimento¹. Aos olhos de

1 Eis porque Barbaras afirma que há um “eu posso” somente no modo de um “eu faço” e reciprocamente há um “eu faço” somente como um “eu posso”. É por essa razão que todo fazer supõe um poder e que há poder somente como fazer (BARBARAS, 1999, p. 117).

Merleau-Ponty (1992b, p.161), “mover seu corpo é, através dele, visar às coisas, é deixá-lo responder a sua solicitação que se exerce sobre ele sem nenhuma representação”. Cada movimento de nosso corpo que percebe tem lugar em um meio que não é representação, mas que, muito pelo contrário, porta as próprias coisas. Neste sentido, “não é nunca nosso corpo objetivo que movemos, mas nosso corpo fenomenal, e isso sem mistério, porque já era nosso corpo, como potência de tais e tais regiões do mundo que se levantava em direção aos objetos” (MERLEAU-PONTY, 1992b, p. 123).

Desse ponto de vista, vemos de nossa janela que a claridade intensa de uma tarde de verão é momentaneamente interrompida por uma nuvem porque nós temos um corpo que pode perceber tal fenômeno e um mundo que pode se fazer sensível para nós de tal maneira. Entretanto, isso não significa que o mundo seja absolutamente imanente ao nosso corpo, mas, essencialmente, que nosso corpo, por sua capacidade motriz, percebe o mundo que ele habita. Em suma, “para que nós possamos mover nosso corpo em direção ao objeto, é preciso primeiramente que o objeto exista para si, é preciso, portanto, que nosso corpo não pertença à região do ‘em si’” (MERLEAU-PONTY, 1992b, p. 161). Ora, aqui, nós podemos constatar que nossa capacidade cinética permite uma comunicação entre o “aqui” de nosso corpo e um “ali” das coisas no interior do mundo (MERLEAU-PONTY, 1992b).

A intencionalidade motriz nos dá o poder de “orientar-nos para não importa o que, em nós ou fora de nós” através do mundo (MERLEAU-PONTY, 1992b, p.158). Quando dirigimos nossa mão em direção a uma cadeira atrás de nós, fazemos referência a ela, não enquanto objeto representado, mas como aparência muito concreta em direção à qual projetamos simultaneamente nossa visão e nossos movimentos. A esse respeito, “a visão, que é necessária a nossa locomoção, coloca-se ao serviço de nossa atividade” (MINKOWSKI, 1967, p.138). Entretanto, isso não significa que a visão é somente um instrumento de nosso poder cinético, porque ver já é uma ação, quer dizer, um pôr-se em direção a algo para ver. Nesse sentido, a visão é necessária à motricidade como também a motricidade é indispensável à visão. Aquele que vê é “um entrelaçado de visão e movimento” (MERLEAU-PONTY, 1992a, p.16).

O pôr-se a ver e o pôr-se a aparecer tornam-se possíveis e dinamizados pelos movimentos de nosso corpo, que estabelecem interações constantes entre o corpo que percebe e o mundo percebido. Os movimentos de nosso corpo são determinantes na amplitude do raio de ação de nossa capacidade perceptiva. Eles nos dão o poder de desabrochar nosso ser-no-mundo, porquanto podemos nos situar, de maneira dinâmica, com nosso corpo no mundo. Nesse cenário, nossa experiência perceptiva de algo, que não se define como a posse de uma qualidade sensível objetiva, mas como o que mobiliza certa maneira de habitar o espaço, é compreendida a partir da maneira variável com a qual organizamos nosso campo perceptivo segundo a capacidade motriz de nosso corpo. Nossa visão se faz assim a partir

do lugar que nosso corpo ocupa no mundo, mas ela não fica presa nesse lugar porque nosso corpo pode situar ativamente sua visão para ver diferentemente aquilo que lhe aparece como fenômeno perceptivo.

É verdade que não podemos deixar o lugar que ocupamos como um ser radicalmente inserido no mundo, mas esse lugar não é fixo em função de nossa capacidade cinética. Mesmo considerando que o sujeito que percebe já está engajado no mundo, ele vive um situar-se móvel no mundo, que lhe permite variar suas percepções. Em outros termos, mesmo se um laço originário que não pode ser desatado nos ata ao mundo, esse laço pode ser dinamizado porque é assumido por aquele que vê quando este se movimenta no espaço em função de sua capacidade motriz.

Se o aparecer de uma coisa é motivado pela distância ou pela aproximação, quer dizer, pela situação dessa coisa em nosso campo perceptivo, os movimentos de nosso corpo são indispensáveis para perceber, pois eles nos orientam em direção ao mundo. Nessa perspectiva, “visão e movimento manifestam aqui um estranho entrelaçamento pois, se é verdade que eu olho a fim de ver, eu posso obter a imagem correta apenas porque minha visão se prepara ou se anuncia no movimento do olhar” (BARBARAS, 1994, p. 64). Notemos que os aparecimentos deste mundo estão intimamente ligados à comunicação que nosso corpo mantém com ele através de sua motricidade. Afinal de contas, uma compreensão rigorosa da percepção não pode deixar de examinar o parentesco fundamental que existe entre o aparecer do mundo e a motricidade de nosso corpo.

O APARECER DO MUNDO E A MOTRICIDADE DE NOSSO CORPO

O sujeito que percebe, inscrito no mundo que ele percebe, não pode ter um acesso pleno da coisa, mas pode, por sua capacidade motriz, procurar o lugar que lhe dá a melhor visão ou simplesmente passar de uma coisa que ele olha à outra. Mesmo se o mundo perde toda a possibilidade de transparência de uma total positividade de sentido, ele pode ser percebido tal como se apresenta enquanto o aparecer das manifestações fenomenais que vibram sob os olhos do espectador. O ato de perceber é inseparável dos movimentos que se dirigem em direção ao mundo, cujo aparecer é gerido por nossas explorações corporais. É nesse sentido que, para Merleau-Ponty, o aparecer do mundo é levado, na sua gênese, pela motricidade de nosso corpo.

Evidentemente, a motricidade não implica que uma consciência dirija um movimento que se desdobraria na extensão como *partes extra partes*. Os movimentos de nosso corpo não são executados por um sujeito que é exterior a esses movimentos. Assim, “meu movimento não é uma decisão da mente, um fazer absoluto, que decretaria, do fundo do retiro subjetivo, uma mudança de lugar milagrosamente

na extensão” (MERLEAU-PONTY, 1992a, p.18). Em outras palavras, Merleau-Ponty concebe que não há uma consciência que anima a motricidade de nosso corpo, muito pelo contrário, é ela que é regida por nosso próprio corpo. Todo movimento já é direção para o mundo realizado por nosso corpo, visto que a decisão de perceber não é distinta de sua realização. Com efeito, o mundo toma forma visível ou fenomenaliza-se de uma maneira dinâmica porque a motricidade de nosso corpo nos permite galgar o espaço. A intencionalidade perceptiva, vivida pelos movimentos de nosso corpo, é, assim, abertura dinâmica ao ser do mundo. O sujeito que percebe não se apropria do que percebe como um objeto totalmente determinado, mas se aproxima e se distancia do percebido pelos movimentos do corpo que se põe ele mesmo a ver.

O movimento nos permite ir por nós mesmos, enquanto corpo próprio, ao encontro do aparecer do mundo percebido. Isso não significa que os movimentos de nosso corpo são realizados por um “corpo-objeto” e governados por uma “consciência desencarnada” (BARBARAS, 1992, p. 31). Nossa motricidade, vivida como tal, impede-nos de assistir a distância o nosso próprio movimento porque ele não é um simples deslocamento. Ao contrário, é essencialmente uma maneira de ir em direção ao mundo levada por nosso corpo.

Dessa maneira, permanecendo no mundo de forma dinâmica, através dos movimentos de nosso corpo, nosso olhar está em presença das coisas, segundo seus modos de aparecer. Isso torna impossível ver as coisas como uma exterioridade absolutamente objetiva para além de seu aparecer. Nesse caso, o que nós vemos toma a forma de um arranjo fenomenal, cuja configuração está no coração da percepção como o ato de pôr-se a ver a realização de estruturas perceptivas dinâmicas. Mesmo se nós não podemos afirmar diretamente que todas as coisas que percebemos apresentam movimentos, pois há coisas que não são moveis por si mesmas, elas podem ganhar certa mobilidade no raio de ação de nosso corpo que se põe a ver. A mobilidade das coisas pode, então, ser projetada pelo encontro entre o mundo e o sujeito que percebe, que é aqui o vetor da motricidade e do aparecer do mundo na medida em que é ele que torna efetiva nossa condição de ser-no-mundo. A esse respeito, “é a mesma coisa, portanto, dizer que a fenomenalização procede do mundo no qual o sujeito está engajado por meio de seus movimentos” (BARBARAS, 1992, p. 35). Há, com efeito, um profundo entrelaçamento entre a vida perceptiva e a vida motriz de nosso corpo, que torna fértil o movimento dinâmico das variações perspectivas do aparecer do mundo em nosso campo perceptivo.

Se o percebido é o que é visado pela motricidade de nosso corpo, a fenomenalidade do mundo é o surgimento espontâneo de aparecimentos variáveis ou vivos. Ora, aqui, nossas visões perspectivas não são conhecimentos derivados de um sistema objetivo de determinação. É nesse sentido que a experiência motriz de nosso corpo não é um caso particular de conhecimento, mas uma “praktognosia”, quer

dizer, uma maneira de aceder ao mundo (MERLEAU-PONTY, 1992b). A maneira segundo a qual nós nos orientamos para o mundo determina a forma do aparecer das coisas percebidas. Essa forma se faz visível em função das condições de sua apresentação perspectiva em nosso campo perceptivo, que sempre remete a nosso ponto de vista no mundo. Nós podemos dizer que um avião que se move no ar é móvel porque temos a experiência perceptiva de acompanhar a mobilidade desse avião por nosso corpo. Podemos afirmar que um livro colocado sobre uma estante permanece imóvel porque temos a experiência perspectiva de averiguar que ele permanece sempre no mesmo lugar. O caráter móvel e imóvel das coisas que nós vemos em nosso campo perceptivo é correlativo à capacidade de nosso corpo se situar no mundo. Esses caracteres não são formas percebidas determinadas de uma maneira abstrata, como a constância de uma lei em uma fórmula, mas modos de aparecimento do mundo para o corpo que, a partir de seus movimentos, realiza a experiência de perceber.

A unidade originária da experiência de perceber e da motricidade nos faz constatar que a percepção, enquanto movimento de pôr-se a ver, nunca se anula, quando nós vemos alguma coisa, já que ela continua mantendo uma relação viva com o mundo através dos movimentos de nosso corpo. Notemos que, por meio dos movimentos, as coisas percebidas têm um modo de presença totalmente singular, já que nós podemos sempre procurar direcionar melhor nossa ação de perceber. Merleau-Ponty quer neutralizar a diferença entre o colocar-se para ver de nosso corpo e o ver, enquanto a experiência de um arranjo momentâneo de uma determinada forma percebida. Nesse sentido, “se aproximo de mim o objeto ou se o faço girar em meus dedos para ‘vê-lo melhor’, é porque, para mim, cada atitude de meu corpo é, logo de início, potência de um certo espetáculo, porque, para mim cada espetáculo é o que ele é em uma certa situação cinestésica” (MERLEAU-PONTY, 1992b, p. 349). Nesse caso, nosso corpo é posto em situação em relação às coisas que estão em torno dele. Para poder perceber as coisas, nós procuramos sempre o melhor ângulo de visão a partir de uma atitude corporal. Portanto, as aparências de nossas tomadas perspectivas sobre o mundo estão intimamente ligadas às situações cinestésicas de nosso corpo, que dão lugar a uma série aberta de explorações perceptivas.

A relação íntima entre a percepção e os movimentos de nosso corpo faz da aparência do mundo uma metamorfose constante. Ela nos proporciona uma experiência do mundo, que depende diretamente de nossa situação corporal, a qual nos dá um meio sempre formigando de aparecimentos. Isso é possível porque os movimentos de nosso corpo fazem vibrar o mundo (MERLEAU-PONTY, 1991). Nosso olhar é a “correlação natural entre as aparências e nosso desenrolar cinestésico” (MERLEAU-PONTY, 1992b, p.358). Essa correlação é vivida como o engajamento de nosso corpo nas estruturas típicas do mundo percebido, quer dizer, certos modos de aparecimento do mundo percebido. Através dos movimentos de seu corpo, o sujeito que percebe cria um sistema de comunicação com o mundo, fundado na amplitude

de nossas tomadas perspectivas. Os movimentos nos dão o poder de habitar todos os meios do mundo. Mesmo se em função das limitações de nosso corpo, nós não podemos tomar posse simultaneamente do mundo em sua totalidade, ou seja, podemos invadir o mundo inteiro como orientação em direção a ele, lançando-nos fora de nós mesmos, de maneira ampliada, pelos movimentos de nosso corpo.

Esses movimentos, enquanto exploradores do mundo, proporcionam-nos uma organização do aparecer indissociável de nossas possibilidades motrizes. O campo perceptivo organiza-se aqui como uma totalidade fenomenal, que se manifesta de maneira oscilante, em torno das ligações que reúnem as coisas percebidas e os sujeitos que percebem no mesmo mundo. A simbiose entre o movimento e a percepção nos torna capazes de acolher o mundo percebido na dinâmica de seus aspectos perceptivos, que se entrecruzam para formar o espetáculo visível. Dessa maneira, podemos perceber que o vento que sopra sobre as folhagens das árvores é violento ou fraco em função da intensidade da agitação dessas folhagens, que são percorridas pelos movimentos do olhar. O acontecimento perceptivo estabelece uma constelação dinâmica porque nosso corpo pode se fazer presente às coisas por um acoplamento que, através dos movimentos, é capaz de acompanhar o desenrolamento das formas perceptivas, acionado pelo aparecer do mundo percebido. É, portanto, em relação às possibilidades motrizes de nosso corpo que o espaço se organiza em torno de nós como o lugar de uma instalação onde estamos atados ao mundo percebido como a uma instância prática.

Esse emaranhamento entre percepção e motricidade dá-nos a possibilidade de aceder à formação de um campo perceptivo dinâmico, que é apenas o mundo sempre presente em toda manifestação perceptiva que vemos. Esse mundo não nos priva da experiência de um meio que nos incentiva constantemente ao exercício da ação de perceber. É nessa perspectiva que “o percebido não é necessariamente um objeto presente diante de mim, enquanto termo para conhecer, ele pode ser ‘uma unidade de valor’ que me é presente apenas praticamente” (MERLEAU-PONTY, 1992b, p. 371). Sublinhemos, portanto, que a coisa percebida não pode ser definida uma vez por todas, pois aquele que percebe não pode se ausentar do mundo para ver o percebido como aquilo que se destaca claramente sobre o fundo do nada. Nesse sentido, o percebido nos aparece como pólo de uma atitude motriz, pois, antes de tudo, ele é uma significação vital mais do que uma qualidade a ser contemplada.

É verdade que nós podemos descobrir a qualidade rugosa da parede de nosso apartamento, quando imprimimos à nossa mão a velocidade e a pressão necessárias para identificar essa qualidade. É nesse sentido que a percepção já está prefigurada no movimento, pois este nos faz ir ao encontro das coisas, segundo a indistinção do gesto que se leva em direção aos percebidos e à apreensão desses últimos (BARBARAS, 1999). Entretanto, a qualidade de rugoso não determina a plenitude da existência daquela parede como a fórmula de uma totalidade universal. Evidentemente, isso não significa que o muro seja

totalmente transcendente em relação a nossa capacidade perceptiva, já que podemos continuar nossas explorações perceptivas e assim encontrar outros caracteres ainda não percebidos. Todavia, a caracterização definitiva da parede permanece inacabada. É por isso que “nenhuma percepção pode apaziguar a tensão constitutiva do movimento que dá lugar a novas percepções” (BARBARAS, 1999, p. 120). Desse ponto de vista, pela experiência de perceber, estamos situados no mundo, antes de tudo, como ser na coisa, e não, como consciência para conhecer a coisa.

Os movimentos de nosso corpo que percebe tornam possível a formação de uma rede de relações com o mundo, que nos dá, por exemplo, o poder de perceber que esta pedra que nós vemos é branca, dura e morna (MERLEAU-PONTY, 1992b). Entretanto, mesmo se, de um lado, podemos descobrir certas características da coisa, de outro, reconhecemos que ela não é totalmente determinada porque guarda sempre uma estruturação dinâmica de seu aparecer no interior do mundo percebido, o qual nos impede de eliminar todo tipo de equívoco que a define como uma realidade absolutamente objetiva. É nesse contexto que Merleau-Ponty (1992b) entende a coisa percebida segundo a perspectiva de um “comportamento novo”, que não é o resultado de uma operação intelectual de subsunção, mas a retomada por nossa conta dos modos de aparecer das coisas no âmago do mundo percebido. A cor é “como a saída da coisa fora de si”. Isso não quer dizer que as coisas têm uma existência em si para aquele que percebe, mas significa que as coisas percebidas traduzem uma maneira de ser para nós na dinâmica de seu aparecer (MERLEAU-PONTY, 1992b, p. 368).

Desde então, o lápis que vemos, em cima de nossa mesa de trabalho, não é uma junção de impressões sensoriais elementares governadas mecanicamente por processos associativos nem uma certa idéia do lápis que coordena os aspetos sensoriais do objeto, através de um julgamento introspectivo do sujeito que percebe, nem uma figura destacada sobre um fundo recuado na margem que resulta de uma organização estrutural responsável pela determinação de uma forma percebida, tampouco um fenômeno constituído absolutamente por uma consciência transcendental como um conteúdo que, em última análise, é puramente subjetivo. Esse lápis é, para nós, que vemos com nossos olhos, a experiência inevitável de pormo-nos em contato com um percebido que originariamente é aquilo que aparece em nosso campo perceptivo. De um lado, é verdade que, nessa perspectiva, o lápis é tratado como uma forma percebida, pois, para aparecer em um campo, é preciso que a configuração de uma estrutura tome forma. Entretanto, essa forma não é necessariamente o conteúdo de uma experiência perceptiva que, para aparecer plenamente, neutraliza sua tensão com o fundo, mas o ser percebido que permanece sempre encarnado no mundo que se põe a aparecer. De outro lado, nessa compreensão, o lápis é considerado como uma existência fenomenal, pois, para aparecer em um campo, é necessária a intervenção de um ato perceptivo de alguém que vê. Todavia, esse fenômeno não é necessariamente o correlato intencional

de um ato de consciência objetivante, mas a existência efetiva de um percebido que se faz presente a um corpo que percebe.

A estruturação das unidades, enquanto fenômenos perceptivos para aquele que vê, é sempre um ser percebido que nos convida para o contato direto com o mundo. Nesse caso, a ação de se referir a algo não é o estabelecimento de uma relação com o objeto ou a essência de uma determinação última, mas o dirigir-se em direção a um percebido, que é a unidade de uma maneira de aparecer no mundo e que expressa, com efeito, um modo único de existir. A esse título, “antes de outrem, a coisa realiza este milagre da expressão: um interior que se revela no exterior, uma significação que irrompe no mundo e nele se põe a existir e que só se pode compreender plenamente procurando-a em seu lugar com o olhar” (MERLEAU-PONTY, 1992b, p. 369). Aos olhos de Merleau-Ponty, o ato de perceber é um comportamento, na medida em que ele manifesta a atitude de se orientar em direção ao mundo pela motricidade de nosso corpo. O percebido é também, de certa forma, um comportamento², porquanto manifesta a ação de aparecer pelas relações de contatos que ele mantém com nosso corpo e, sobretudo, com outros percebidos que compõem a estrutura interativa do aparecer do mundo.

Nós chegamos aqui a um momento decisivo de nossas reflexões sobre a relação entre percepção e motricidade. Em nossa opinião, o paralelo que Merleau-Ponty estabelece entre o comportamento de ser um sujeito que percebe e o comportamento de ser percebido é fundado precisamente sobre a idéia de que, para a experiência de perceber, o percebido nos é presente em pessoa. O filósofo dá uma atenção toda especial à questão do sentido da noção de presença em pessoa que, comporta aqui uma dimensão de expressividade presente no fenômeno perceptivo. Nessa perspectiva, “desde a origem, o projeto de Merleau-Ponty é de retornar ao mundo percebido em sua pureza nativa, de levar a experiência muda à expressão de seu próprio sentido” (BARBARAS, 1998, p. 42). O projeto consiste em descobrir o ser fenomenal em seu movimento de aparecer que, em razão de seu caráter dinâmico, contém uma dimensão expressiva. Não se trata aqui de pôr o problema da expressividade como a dimensão gestual de nosso campo perceptivo, mas de mostrar o processo dinâmico da instauração do aparecer.

Nosso interesse está centrado no problema do movimento de exteriorização de uma forma percebida. Em outros termos, queremos examinar a animação das formas percebidas na formação dinâmica de nosso campo perceptivo. Isso não quer dizer que o percebido visível adquire para nós um

2 É nessa perspectiva que Merleau-Ponty afirma que as coisas se definem primeiramente por seu “comportamento” e não por “propriedades” estáticas (MERLEAU-PONTY, 1992b, p. 318).

valor expressivo, nem que o percebido, enquanto fato expressivo, manifesta um sinal que contém uma referência a um significado diferente de si mesmo. Para nós, o fato de ser uma coisa percebida ou de se encontrar ali em nosso campo perceptivo faz com que aquilo que nós percebemos tenha um sentido de ser animado por si mesmo, em todas as relações que ele mantém com o mundo percebido. Segundo Merleau-Ponty (1992b, p. 369), “o sentido de uma coisa habita essa coisa como a alma habita o corpo”. Essa comparação é proposta para mostrar que as significações atribuídas às coisas a partir da experiência perceptiva não são extrínsecas a si mesmas.

Ora aqui, vemos claramente que o problema da encarnação em Merleau-Ponty não se refere somente ao sujeito que percebe, enquanto subjetividade encarnada no mundo, mas também ao percebido, como manifestação fenomenal viva encarnada no mundo³. Com efeito, não se trata de evocar aqui uma existência prévia do mundo como uma estrutura que comporta a inscrição de uma multiplicidade de percebidos determinados, como se o fenômeno do aparecer estivesse reduzido à manifestação, segundo a perspectiva objetivista, que Merleau-Ponty quer superar. Nós não podemos considerar uma coisa percebida sem a interposição do horizonte do mundo que, em razão de sua presença constante e dinâmica, preferimos definir como uma paisagem⁴. A noção de paisagem traduz melhor a existência de um jogo constante de tensões, que empurra o processo do surgimento do aparecer das coisas percebidas para o interior de nosso campo perceptivo⁵. Isso não quer dizer que supomos o que “não importa o que pode tornar-se o sinal de não importa o que [...]”, mas, fundamentalmente, que o aparecer de toda forma percebida está interposto à paisagem na qual ela expressa a fisionomia de sua maneira de se fazer

- 3 Deste ponto de vista, “aparecer, não é primeiramente aparecer a uma consciência, é aparecer no seio de um mundo” (BARBARAS, 1999, p. 83). Ora, “é provavelmente nesse sentido que a coisa difere fundamentalmente do objeto percebido já que ela traz e revela sua alteridade, sua ancoragem no mundo percebido, visto” (MERCURY, 1993, p. 280).
- 4 Nós utilizamos aqui o termo paisagem no sentido em que Merleau-Ponty (1992b, p. 330) afirma que “nosso corpo e nossa percepção sempre nos solicitam a considerar como centro do mundo a paisagem que eles nos oferecem”.
- 5 Isso não significa dizer que estamos renunciando a utilização da noção de campo perceptivo e adotando, definitivamente, o uso da noção de paisagem como possibilidade de melhor explicitar o problema da dimensão de pertença do sujeito perceptivo e das coisas percebidas ao mundo percebido. Ao contrário, continuaremos utilizando a noção de campo perceptivo na medida em que essa última contém a idéia de uma tensão permanente entre os elementos que compõem nosso horizonte perceptivo. A noção de campo perceptivo sempre terá, para nós, o sentido de campo de tensão.

visível (GUILLAUME, 1948, p. 185). É nesse cenário da paisagem que nós pensamos a existência de uma convergência entre o aparecer e a expressividade do tornar-se fenômeno das formas percebidas.

REFERÊNCIAS

BARBARAS, Renaud. **Le désir et la distance. Introduction à une phénoménologie de la perception**. Paris: Vrin, 1999.

_____. Motricité et phénoménalité chez le dernier Merleau-Ponty. In: RICHIR, Marc; TASSIN, Étienne. **Merleau-Ponty. Phénoménologie et expérience**. Grenoble: Jérôme Millon, 1992.

_____. **La perception. Essai sur le sensible**. Paris: Hatier, 1994.

_____. **Le tournant de l'expérience. Recherches sur la philosophie de Merleau-Ponty**. Paris: Vrin, 1998.

BERGSON, Henri. **Matière et memoir**. Paris: PUF, 1968.

BONFAND, Alain. **L'expérience esthétique à l'épreuve de la phénoménologie. La tristesse du roi**. Paris: PUF, 1995.

CHAMBON, Roger. **Le monde comme perception et réelit**. Paris: Vrin, 1974.

DE WAELEHENS, Alphonse. **Une philosophie de l'ambigüité. L'existentialisme de Maurice Merleau-Ponty**. Louvain: Nauwelaerts, 1978.

FERRIER, Jean-Louis. **L'homme dans le monde**. Neuchâtel: Éditions de la Baconnière, 1957.

GUILLAUME, P. **La psychologie de la forme**. Paris: Flammarion, 1948.

JANET, Pierre. **De l'angoisse à l'extase. Études sur le croyances et les sentiments**. Paris: Félix Alcan, T. II, 1928.

MERCURY, Jean-Yves. **Merleau-Ponty. Le philosophe et son langage**. Paris: Vrin, 1993.

MERLEAU-PONTY, Maurice (1947-8). **La nature**. Notes. Cours du Collège de France 1956-1957. Paris: Seuil, 1995.

_____. **Notes de cours**. Collège de France 1958-1961. Paris: Gallimard, 1996.

_____. **L'oeil et l'esprit**. Paris: Gallimard, 1992.

_____. **Phénoménologie de la Perception**. Paris: Gallimard, 1992.

_____. **L'union de l'âme et du corps chez Malebranche, Maine de Biran, Bergson**. Paris: Vrin, 1978.

_____. **Le visible et l'invisible**. Paris: Gallimard, 1991.

MINKOWSKI, Eugène. **Vers une cosmologie**. Fragments philosophiques. Paris: Aubier-Montaigne, 1967.

SARTRE, Jean-Paul. **Esquisse d'une théorie des émotions**. Paris: Hermann, 1965.